

ESPIRITUALIDADE

LAJOLO, Giovanni, **Maria. Silêncios e palavras**, col. «Mariologia», Editorial A. O., Braga, 2014, 207 p., 230 x 150, ISBN 978-972-39-0783-4.

Editado originalmente em 2011, este livro é uma viagem pessoal, honesta e cândida por um conjunto de textos – bíblicos e do II Concílio do Vaticano – em que a figura de Maria de Nazaré surge: ou como a figura principal; ou, pelo menos, como uma das mencionadas. Neste sentido, quer os diversos avisos do seu Autor, quer as palavras na contra-capa do editor português – que reproduzem, com fidelidade, as que se encontram na da edição italiana – são determinantes: não se trata de uma obra de exegese, nem de reflexão teológica, nem de mariologia científica. É, sim, um verter de palavras e afectos que, compondo um texto de espiritualidade mariana, espelham o que aqueles outros textos suscitaram no coração do seu autor: o cardeal Giovanni Lajolo. Pensar o contrário levaria, inevitavelmente, à desvalorização dramática de uma obra que, dentro do seu género e tendo-se em linha de conta que o seu autor é um diplomata e canonista de estirpe académica germânica, possui um valor assaz interessante.

Partindo, para a reflexão de cada um daqueles textos, com uma mistura de inocência madura e competência especulativa, cada uma das reflexões de Giovanni Lajolo rasga horizontes ponderativos que projectam uma curiosa luz sobre a figura de Maria – que, como é do conhecimento comum, parece estar a re-emergir, na piedade mais culta, de um «inverno» pós-conciliar. Com efeito e apresentando, de uma forma relativamente inédita, Maria sobretudo

como o foco de uma espiral numa rede crisotocêntrica de relações, podemos ver, página após página – e sem o sentimentalismo exagerado ou a especulação delirante de outras obras análogas que, assim, estarão votadas a um, mais ou menos rápido, desaparecer da memória futura –, a exposição de tais relações a estabelecer uma penetrante e abrangente visão da pessoa, vocação e missão da mãe do Salvador.

Neste contexto, e embora usualmente evite sair do panorama tradicional das considerações teológico-devocionais sobre Maria, o autor não se centra apenas nas palavras desta. Giovanni Lajolo, e porque todas as relações interpessoais são inerentemente compostas de palavras e silêncios que se complementam mutuamente a partir da primazia destes – e, desse modo, o facto de, no título desta obra, «Silêncios» preceder «Palavras» não é minimamente desafortunado –, também se debruça sobre os três tipos de silêncios que estima vislumbrar na mãe de Jesus o Messias: os impenetráveis, os transparentes e os penetráveis. Quer dizer: os que decorrem de uma insuficiência das palavras – quer de Maria, quer dos autores que a evocam – para traduzirem as complexas realidades espirituais a eles subjacente; os implicitamente discerníveis a partir dos relatos bíblicos que, embora se centrem em Deus-Filho feito Filho de Deus em Maria, se reportam a uma mulher judia da Galileia há dois mil anos; e, por fim, os que dimanam de uma opção meditativa da mãe do Salvador.

Na nossa mais simples opinião, uma das maiores virtualidades deste livro é a colorida densidade, viva e vívida, com que Giovanni Lajolo envolve o desfilar das suas reflexões espirituais; uma densidade que – usando nós, aqui, a linguagem celebrizada por Inácio de Loyola nos seus *Ejercicios espirituales* – permite o estabelecimento de

vibrantes «composições de lugar»; isto é, vibrantes meios psicológicos que ajudam o leitor a apreciar, com integridade e intensidade orante, um dado cenário que lhe é colocado à consideração. Tudo isto levará, indubitavelmente, a que todos aqueles que se vierem a cruzar com este livro possam desfrutar de um atraente auxílio para a sua vida espiritual cristã em geral e, de modo particular, na sua vertente mariana.

ALEXANDRE FREIRE DUARTE

GALLAGHER, Timothy M., OMV, **A oração do exame. Sabedoria inaciana para as nossas Vidas no Tempo Presente**, Editorial A. O., Braga, 2014, 232 p., 230 x 150, ISBN 978-972-39-0781-0.

O «exame de consciência» – tema nuclear sobre o qual versa a obra aqui apresentada – é um dos mais importantes estímulos da espiritualidade jesuíta e inaciana. E é-o a ponto de – convém recordar – Inácio de Loyola ter dispensado os membros da *Companhia de Jesus* de virtualmente toda a observância oracional, com a excepção deste modo de deslindar Deus a actuar também através das circunstâncias quotidianas de cada pessoa. Um modo tão característico na sua forma como, ao mesmo tempo, materialmente arraigado na longa tradição espiritual da Igreja que precedia a sua peculiar codificação pelo co-fundador daquela ordem religiosa.

Dito isto, a verdade é que Timothy M. Gallagher não é um membro da *Companhia de Jesus*. Todavia, este facto não deve ser entendido como uma desvantagem para uma competente persecução do labor que se quis empreender nesta obra. Com efeito, o padre Gallagher pertence aos *Oblatos da Virgem Maria*, instituto religioso particularmente dedicado à pregação e ao

ministério da reconciliação sacramental segundo, por um lado, a espiritualidade dos *Exercícios Espirituais* de Inácio de Loyola, e, por outro, a teologia moral de Alfonso Maria de Liguori. Fruto da sua partilha deste carisma – que em muito contribuiu para o cosmopolitismo na prática coeva da orientação competente de retiros segundo os *Exercícios Espirituais* antes aduzidos –, o mesmo já editou sete obras dedicadas a aspectos particulares da proposta espiritual baseada neste último texto.

Pois bem, este livro está dividido em cinco partes, todas elas articulando uma prosa simples e leve – própria de um bom comunicador – com um sincero e elegante rigor – decorrente de um pormenorizado conhecimento das fontes e estudos inactos. Cinco partes que tratam: *i*) de uma apresentação da importância do «exame de consciência» à luz da descrição da experiência pessoal de Inácio de Loyola; *ii*) de uma apresentação dos passos essenciais de tal «exame» conforme o mesmo surge codificado nos *Exercícios Espirituais* deste último, seguida, depois, de uma reflexão sobre a importância da flexibilidade na sua vivência; *iii*) do esboço dos horizontes espirituais mais convenientes para a realização do «exame»; *iv*) de uma leitura do «exame» a partir da relação entre «amor» e «coragem»; *v*) e, enfim, do elenco daquilo que o Autor estima poderem ser alguns dos frutos mais relevantes da vivência do «exame».

No fundo, todas estas partes – partindo sempre do desejo de comunicar, e estimular, a vontade de uma mais íntima relação com Deus – desejam mostrar que o «exame» não é algo centrado na moralização exógena do crente mediante o inculcar, e ulterior amestrar, de um complexo de culpa, mas um meio para a co(m)-construção da vida de cada sujeito a partir de uma genuína «oração da (sua) vida»; quer dizer: